

CULTURAS JUVENIS: FORMAS DE “SER/ESTAR COM”, INDICADORAS DE SOCIALIDADES NA CONTEMPORANEIDADE

Nádia Jane de Sousa¹

RESUMO

O presente texto discute a temática juventude e seus agrupamentos, apontando um modo de estar-junto, potencializador de socialidade. Tendo como eixo teórico a sociologia compreensiva de Michel Maffesoli em contraponto com idéias de Zigmunt Bauman, apresenta questões como identidade, sociedade da imagem, estilo, tribalização, como eixos importantes para a compreensão das transformações nas vivências sociais, especialmente entre os jovens, na atualidade.

Palavras-chave: Juventude. Identidade. Tribalização. Imagem.

INTRODUÇÃO

O texto que segue apresenta uma discussão acerca das manifestações culturais juvenis tratadas como uma das formas do “ser/estar com” na atualidade, potencializadora de socialidade. Tal discussão é fruto de uma pesquisa realizada com jovens que fazem dança de rua², cuja vivência se apresenta constituída e constituinte de elementos sócio culturais que traduzem a dinamicidade e a pluralidade do todo social.

Esses jovens, submersos em uma realidade polimorfa, produto de transformações em todos os âmbitos da vida humana, buscam e utilizam a dança como espaço de manifestações de desejos, sentidos; também nela são forjadas suas identidades enquanto sujeitos que possuem necessidades, vontades, escolhas, mesmo estas sendo provocadas por uma sociedade que se produz e se reproduz a partir das imagens que são veiculadas.

A pesquisa teve como eixo teórico metodológico a sociologia compreensiva de Michel Maffesoli, que, entre outras coisas, preconiza

¹ Professora do curso de Pedagogia da Universidade Federal da Paraíba, Doutora em Educação. Email: janenadia@ig.com.br

² Trata-se do meu trabalho de Doutorado, cujo título é: “Globalização, tecnologia e mídias: elementos constituintes do estar-junto juvenil na contemporaneidade”

que o comportamento juvenil, a partir de suas diversas formas de agrupamento, é indicador do surgimento de um novo *ethos* social (MAFFESOLI, 2007).

O texto, portanto, está assim constituído: no primeiro momento apresento uma breve discussão acerca da temática da juventude, vendo-a como uma categoria social que reflete o seu tempo. Nesse sentido, na atual temporalidade ela (a juventude) é vista como um modelo cultural a ser seguido por todos. Nos tópicos que seguem questões como tribalização, estilo, identidade, a preocupação com o instante, são discutidos como elementos indicadores de formas de socialidade presentes na sociedade em que se vive atualmente.

Tais questões formam o *corpus* do trabalho acima aludido.

1 A(S) JUVENTUDE(S) EM QUESTÃO

São diversas as representações acerca do que é ser jovem com as quais nos deparamos corriqueiramente. Entre elas podemos citar as seguintes: juventude como preparação para o futuro; como tempo de fruição, prazer e experimentações (onde os erros são admissíveis); juventude como fase de conflitos, de contestação; busca por uma identidade própria (daí a procura pelos pares como meio de realizar descobertas e experimentações o que decorre em conflitos familiares e com as instituições socializadoras).

De acordo com Áries (1981), Peralva (1997), Abramo (1994), Dayrell (2005), a juventude, enquanto categoria social é resultado do desenvolvimento das forças produtivas nas sociedades industriais modernas, como conseqüência das novas condições sociais geradas por estas. São, portanto, mudanças na estrutura familiar (que se constituía numa unidade global de produção e reprodução social e econômica), a divisão do trabalho (o trabalho assalariado altera os modos de vida da sociedade) e a escolarização sistemática (em resposta à demanda de capacitação cada vez maior devido a crescente complexidade produtiva do sistema capitalista) que possibilitam a formação da juventude enquanto "condição social", não apenas fundada nos critérios biológicos e/ou cronológicos.

Nesse sentido, em meio às transformações sociais e culturais, vai se estruturando uma idéia de juventude: a de que esta representa uma fase da vida, com uma identidade própria, fortalecida pelos grupos de pares que se encontram em torno de determinados

estilos e padrões de consumo. Por outro lado, as grandes mutações econômicas e sociais provocam a dissolução da idéia de geração: os atributos sociais da juventude, os modos de acesso à maturidade se encontram modificados (PERALVA, 1997; SPOSITO, 2000).

Por que isso ocorre? Para Carrano (2003) uma característica dos atuais processos de socialidade é a desconexão dos ciclos da vida das idades biológicas; isso se dá devido a não existência na atualidade de lugares delimitados de convivência e sociabilidade, tendo em vista o intenso fluxo de informações que oferece desde cedo um variado quadro de valores e referências. Nestes, os “filtros” são fluidos e flexíveis, permitindo o contato prematuro com realidades de diversas ordens. Há, assim, um aprendizado comum entre todas as idades face a um mundo que aparece novo, com suas transformações.

Desse modo, a juventude é transformada em símbolo e um estilo que ultrapassa as definições de idade. Torna-se um modelo cultural (PERALVA, 1997) a ser seguido, não enquanto um grupo etário específico, mas associada a valores e a estilo de vida. Atitudes e/ou qualidades atribuídas aos jovens associadas ao consumo e ao lazer (modos de vestir, lugares a freqüentar, gostos culturais, formas de se expressar, culto ao corpo, etc.) independem da idade ou do “lugar” ocupacional a que se está associado (CARRANO, 2003).

A idéia de uma “eterna juventude”, portanto, é associada a um mercado de consumo impulsionado pelos veículos de comunicação que possibilitam o acesso a bens e mensagens as mais variadas. O surgimento de um mercado próprio para o jovem valoriza o prazer e o consumo como fontes de gratificação imediata, gerando novos padrões de comportamento, tendo o lazer como a referência central do ser jovem.

Não se trata de homogeneizar gostos, atitudes e comportamentos. Ao contrário, estes se caracterizam pela sua variedade e multiplicidade, não sendo possível apresentar uma única condição de vida juvenil. A grande circulação de bens simbólicos propõe modas, imagens, marcas que buscam vender muito mais um estilo de vida do que propriamente um produto.

Trata-se da espetacularização da vida social, onde a imagem, o olhar e o visual são mediações mais presentes nas relações sociais. Desse modo, o que é visível leva ao invisível, ou seja, os “objetos”, “manifestação da potência da imagem”, não existem por si mesmos, eles possuem uma informação pela imagem, permitindo

o "reconhecimento de si a partir do reconhecimento do outro" (MAFFESOLI, 1995, p. 115).

Nessa perspectiva, as imagens tornam-se elos de agregação, de comunhão com os outros, de fascinação. Seriam as novas formas de agrupamentos juvenis em torno de estilos, favorecidas pela proliferação daquelas, retratos de uma socialidade que se sustenta a partir de emoções compartilhadas que lhes remetem a modos de ser diversos de se relacionarem com os outros e com o mundo a sua volta, constituintes e constituídos de um dos modos de vivenciar a juventude na atualidade?

2 JUVENTUDE E TRIBALIZAÇÃO; TENDÊNCIAS COMUNITÁRIAS OU TRIBAIS QUE SE REVELAM ATUALMENTE

Para dar conta dessa nova forma de agrupamento, Maffesoli (1998) propõe a metáfora das tribos enquanto tradutora das mudanças ocorridas nas redes de relações grupais, caracterizadas por uma sensibilidade coletiva que ganha corpo (através da publicidade, das imagens televisivas, etc.) onde o que é experimentado em comum é o que liga os indivíduos uns aos outros. Trata-se de um "paradigma estético" que aponta as relações sociais atuais, constituídas a partir da sensibilidade; é por meio dela, portanto, que se diz coisas (BARBERO, 2008). Desse modo, o "querer artístico" é o motor das agregações, o mundo da cultura espaço de práticas, representações, símbolos e rituais; faz-se uso da dimensão simbólica para se expressarem.

É, portanto, a partir da necessidade de pertencer, (MAFFESOLI, 2005b) que se constitui o laço social, a partilha de emoções e sensações o que o funda. Nessa compulsão para "amontoarmos" (seja física ou virtualmente), própria da época atual, ocorre o seguinte paradoxo: é estabelecido um vaivém constante entre o processo de massificação crescente da sociedade e o desenvolvimento e a aparição de uma variedade de tribos. Caracterizadas pela fluidez, dispersão, importância dada à aparência e forte envolvimento emocional, esse "neotribalismo", se preocupa com o presente vivido, com a proximidade possibilitada pela vivência nos grupos dos quais se pertence, aderindo aos mesmos por "ideologia ou necessidade de proteção" (MAFFESOLI, 2004).

Bauman (1999) em conformidade com o termo "neotribalismo" usado por Maffesoli para descrever o mundo atual, acrescenta que tal mundo caracteriza-se pela incessante busca pela "comunidade", numa procura frenética por compartilhar tendo em vista a promessa de "abrigo" que a idéia ou o ato encerra. Como diz Bauman (2003, p. 21) "sem dúvida marchar ombro a ombro ao longo de uma ou duas ruas, montar barricadas na companhia de outros ou roçar os cotovelos em trincheiras lotadas, isso pode fornecer um momento de alívio da solidão".

Maffesoli, de forma bastante otimista, aposta na propensão para vibrarmos e sentirmos em comum, tendo as emoções como vetor social; imputa, pois, à emoção coletiva, ao "sensualismo" o motor das várias relações que constituem a sociedade, posto que favorecem a interação, o contato com o outro. É assim que busca-se a todo tempo o prazer de estar junto, trabalha-se para ampliar o tempo livre, a não-ação. O prazer, segundo o autor, torna-se cultura. Nessa perspectiva, as "banalidades" (o festivo, o coletivo) constituem a base da construção da realidade; a vida cotidiana é o que fundamenta as maneiras de ser. Aqui o político, o econômico e o religioso não são contestados, mas se situam "às margens" dos grupos; é o prazer dos sentidos, os detalhes da vida social, as coisas sem qualidades que fazem perdurar a sociedade.

Daí que a temática do neotribalismo enquanto uma "necessidade de solidariedade e proteção", característica de todo o conjunto social, (BAUMAN, 2007), influenciada pela "estetização da vida cotidiana" (FEATHERSTONE, 1995) toma corpo na atualidade. À imagem é dada uma importância ímpar: ela contribui na constituição de sujeitos que, incentivados pelo consumo (seja simbólico ou material), vivem à procura de modas, estilos, sensações que a todo instante se modificam ou se reatualizam, na busca frenética pelo novo. São esses modos próprios de vivenciar a realidade que constituem a mola para as agregações sociais, principalmente entre os jovens.

3 POR UMA QUESTÃO DE ESTILO

O estilo não só diz respeito a ritualizações, gostos estéticos e expressões artísticas, mas também se encontra nas práticas de linguagem, nas ideologias de um dado momento; o estilo demarca um modo próprio de viver na atualidade e está ligado ao consumo, ao mercado, à produção (Maffesoli, 1995). Revela, pois, a sociedade

de uma época em que o homem só "é" quando faz parte de um grupo e exprime-se por imagens. Essas, por sua vez, não são exatas, mas vetores de contemplação, de comunhão com os outros; não pretendem o absoluto, colocam as coisas em relação.

Seguindo tais premissas, pode-se inferir que o estilo se constrói de várias maneiras, multiplicidade que pode ser explicada pela saturação do princípio da identidade e pela emergência de "identificações sucessivas" (MAFFESOLI, 1995).

Não há, portanto, formas estáveis; as pessoas entram e saem dos lugares constantemente assumindo o traje apropriado a cada espaço que frequenta. "É uma seqüência de conformismos cambiantes" (MAFFESOLI, 2005a, p. 180). Desse modo o eu se define a partir de suas diversas interferências com o mundo circundante (outros indivíduos, situações diversas). O sujeito é um "efeito de composição", diz Maffesoli (*op.cit.*, p. 305). Nesse sentido, as relações são estabelecidas a partir de uma série de identificações, onde, de acordo com a oportunidade, cada pessoa reveste-se de uma máscara que exprime parte de si mesma.

Essa lógica da identificação se contrapõe à idéia de uma identidade fixa e estável (que se encontra saturada). Tal modo de compreender a identidade prevalece na modernidade e denota uma visão teológica ou normativa do mundo que deve ser isso ou aquilo. Ao contrário, há para Maffesoli (2005a), uma fragilização do eu, já que este não se define uma vez por todas; a individualidade, portanto, é incerta e flutuante, não é um dado definitivo, mas progressivo; mudamos sempre e em diferentes direções.

Às idéias de uma identidade cambiante, flexível e líquida Bauman (2005) acrescenta que a identificação também é um poderoso fator de estratificação e de diferenciação. Nesse sentido, num amplo leque de escolhas, há, de um lado os que se sentem à vontade em criar e desfazer de suas identidades de acordo com suas vontades; do outro lado há os que se vêem "presos" em identidades determinadas por "outros", das quais não conseguem se livrar. São identidades que esteriotipam, estigmatizam, humilham.

Ao apontar tais questões no que diz respeito à temática da identidade/identificação, adentro na ordem do indefinido, do incerto, do indeterminado, características que refletem um "ambiente de vida líquido-moderno, [onde] as identidades talvez sejam as encarnações mais comuns, mais aguçadas, mais profundamente sentidas e

pertubadoras da *ambivalência*.” (BAUMAN, 2005, p. 38 – destaque do autor). Nesse sentido, a ambivalência se apresenta de um lado em um mundo em constante movimento e com uma infinidade de escolhas a fazer, em que não é possível falar em uma identidade estática; e do outro, a necessidade de encontrar ou criar grupos com os quais possamos nos “sentir em casa”.

Esse é o “caldo cultural e social” no qual todos nós encontramos inseridos, sentido mais de perto pelos jovens, enquanto segmento social que vivencia esse “fervilhar existencial”. Nele, a aparência, as imagens, os objetos permitem o compartilhar de emoções que se tornam vetores de socialidade. São modos espetaculares de aparecimento (ABRAMO, 1994) que formam tribos determinadas por seus estilos.

Mesmo sendo considerados *outsiders* tal como nos sugere Norbert Elias (2000), muitos grupos (a exemplo da dança de rua) se proliferam em torno de símbolos e rituais. Afora o aspecto midiático que os fazem crescer em número, as emoções que experimentam, as vibrações que sentem em comum, bem como o desejo de segurança, de pertencer são aspectos indissociáveis. Se os símbolos identitários são vastos, “experimentar” torna-se a tônica do momento; as pessoas que constituem as tribos (ensimesmadas, fechadas em torno de si mesmas, organizadas pela lógica do “segredo”) circulam de um grupo para outro na busca do exercício da “pluralidade de suas máscaras” (MAFFESOLI, 2004).

4 VER...SER VISTO

Nas formas “espetaculares de aparecimento” as imagens, a aparência são pivôs da vida social. Nela, o culto ao corpo, a busca incessante do prazer e do gozo, a valorização exacerbada da moda são, entre outras, expressões de sua teatralidade.

Nesse sentido, a aparência torna-se causa e efeito de uma intensa atividade comunicacional, de uma “socialidade dinâmica” (MAFFESOLI, 2005a), em que a acentuação da imagem, do corpo, conduz a um aparecimento-desaparecimento, ou seja, “sou visto”, “apareço”, “existio perante os outros”, em relação a eles; em contrapartida, “desapareço” no “corpo coletivo”, me “perco” nele.

Desse modo, a aparência revela menos uma individualidade e mais um coletivo do qual se faz parte. Para Maffesoli (2005a, p.

177), a aparência social seria, assim, "objetividade habitada por subjetividades em constante interação". Trata-se da espetacularização da existência, não mais restrita a ambientes fechados como teatros, casas noturnas, bares, etc; ela está no cotidiano das pessoas, presente no "mundo físico e social".

Nesse sentido, prevalece a valorização do vivenciado, do próximo, do concreto. Apesar da imagem comercial que veicula, os objetos surgem como vetores de estética (fazem experimentar emoções, a de vibrar em comum); cria-se uma nova ordem simbólica. Contudo, nela somos mais dominados que dominamos (pelo outro, pelo grupo, pelos "objetos" que acreditamos possuir), mais sujeitados que sujeitos, menos criador de imagens que forjado por elas. Nesse paradoxo em que se insere a realidade social, não há "sujeitos autônomos", há indivíduos interdependentes e é a partir de um vasto sistema simbólico, em que partilhamos imagens, objetos, aparências, que nos "desapossamos de si ao ser possuído pelo outro" (MAFFESOLI, 2006, p. 33).

Paradoxalmente, o sujeito empírico para Maffesoli é individualizado, mas está também situado num lugar, com outros, em relação a outros; a ligação do corpo individual ao social é o objetivo maior a ser alcançado; parece que vale muito estar relacionado ao outros, para eles, com eles, cada um existindo "no e através do olhar do outro" (MAFFESOLI, 2004, p. 82). Para tanto, a festa, o encontro, os eventos, as viagens são indispensáveis enquanto espaços de celebração onde o lúdico prevalece. Tais espaços são forjados por eles próprios e para eles mesmos, aos quais vão em busca de aprimorar os "rituais" já aprendidos e de onde se vê os já "iniciados".

Nesses espaços de socialidade onde sentem e experimentam em comum, os jovens em seus agrupamentos se apresentam como artistas, criadores, sujeitos. São, portanto, reconhecidos no meio em que vivem.

Nos movimentos que os jovens realizam continuamente em direção à estima social, à valorização pelo que são e pelo que fazem está em jogo a importância dada ao presente, ao vivido, às coisas como elas são. A realidade nem é boa nem é ruim, ou melhor dizendo, às vezes é boa e às vezes é ruim, sem um caráter de generalização ou um "para sempre" em relação aos acontecimentos de suas vidas.

Nesta lógica, há um "desligamento" dos imperativos político-econômicos e a vida se desenrola nas pequenas relações do cotidiano,

as utopias não se referem às grandes questões, mas às pequenas coisas do dia a dia (o próximo festival, a nova coreografia, os patrocínios, o público, espaço para ensaiar, etc), contendo nelas um *ethos* comum que se baseia especialmente na proximidade. No recuo ao político um dinamismo renovado da sociedade (MAFFESOLI, 1998) com "outra cara", ocorrendo de modo subterrâneo, fora dos modelos instituídos e estabelecidos pela modernidade. Seguindo os caminhos dessa socialidade cambiante e heterogêna o instante se torna único e eterno.

5 A LÓGICA DO VIVER MAIS

Como exposto acima, as imagens, a aparência, o espetáculo são elementos que promovem proximidade, ligação, comunhão com o outro/os outros. Pela necessidade de pertencer os jovens criam laços, que embora frágeis e movediços os fazem experimentar e vibrar em comum.

Ao partilhar emoções e sensações, revelam também e paradoxalmente a aparente, quem sabe, "artificialidade" da existência caracterizada pela efemeridade, pela "permanência do insignificante" (MAFFESOLI, 2005b, p. 48), pela finitude e tragicidade. Como espaços de troca e de circulação de afetos e paixões podem assim ser caracterizados?

Para Maffesoli (2003) todas as obras humanas possuem o selo da impermanência, sejam elas sociais, econômicas, culturais e até mesmo afetivas. Nesse sentido a precariedade e a brevidade da vida se expressam pela intensidade com que tudo é consumido. Na verdade, diz ele, não há simples consumo, há uma grande e voraz consumação marcada pelo desejo de se querer as coisas e de forma imediata. Nessa busca intensa pelo prazer está, pois, a consciência da tragicidade da vida humana traduzidas, entre outras práticas pelo culto ao corpo, a valorização do presente, a busca do supérfluo, etc. Nessa cultura do prazer em que as situações são vividas com avidez (já que se esgotam no ato mesmo de existir), não há projeções para um futuro, já que este não é algo que se possa prever e dominar à nossa própria vontade.

Nessas circunstâncias vive-se como a realidade se mostra e não como deveria ser, fruto de desejos e projetos, às vezes impraticados. No cuidado com o presente há implícito (e exteriorizado nas práticas

juvenis) um modo de viver o que se apresenta e o que acontece. Busca-se a todo momento, mesmo consciente das dificuldades, momentos de celebração, quebrando a monotonia cotidiana, revelando, portanto, no dizer de Maffesoli (2003), um querer viver marcado por uma "sucessão de agoras", uma "concatenação de instantes vividos".

Contudo, os jovens, mesmo marcados pela efemeridade das coisas, esta favorecendo o quietismo e a indiferença, estão incrustados em uma outra lógica, não mais unicamente dominados pela casualidade, linearidade da vida social, caracterizada pela suspensão, abstenção e negação de si mesmo e do outro. Não vivem, portanto, sob a ordem da passividade; "gastam" energia de outros modos, em situações que vão além da perspectiva utilitária das ações. Sendo assim, são "movidos" pela busca do prazer vivido no cotidiano, na vida do bairro, nas amizades que cultivam, nas relações amorosas, nas inúmeras festas das quais participam, nos "transes" coletivos oferecidos pela religião, nos eventos esportivos, musicais, entre outros tantos exemplos (MAFFESOLI, 2003).

No contraponto dessas idéias, Bauman (2007), não parece ter uma visão muito otimista da sociedade atual, caracterizada por ele como "líquido-moderna". Nessa, a forma de vida que predomina é uma "vida líquida", marcada pela precariedade e incerteza constantes. Trata-se também de uma vida de consumo, onde se vive no presente e pelo presente; a busca para obter satisfação torna-se uma constante, não havendo espaço para inquietações, senão aquilo que pode ser vivenciado e consumido de modo instantâneo.

Tais fatores promovem a necessidade da satisfação imediata enquanto estratégia de sobrevivência. Adiar o prazer não é um bom "negócio", já que não se sabe o que virá no dia seguinte. Serão dadas as condições para o usufruto dessa satisfação adiada? Terá o mesmo "sabor"? Será tão atraente? Não se tornará obsoleta, fora de moda ou de propósito? Diante de condições precárias de vida, aprendemos a descartar facilmente as coisas; já não temos paciência para consertar o que está danificado (inclusive as relações entre as pessoas): somos rápidos e trocamos as "peças" que já não nos servem mais.

Nesse sentido, se não há futuro, a palavra de ordem do momento é viver o "agora", aproveitar as oportunidades que surgem, perdê-las é algo imperdoável. Por isso, diz Bauman (2001), os compromissos devem ser leves e fluidos para não se perder muito

tempo e se tornam coisas a serem consumidas até o momento em que está gerando satisfação.

Contudo, na realidade atual, especialmente entre os jovens viver o presente não indica negação de projetos futuros. A escola é sempre apontada como importante fator de mobilidade social; as práticas lúdicas, um passatempo, um momento da vida possibilitado pela fase juvenil que vivenciam; algo, portanto, passageiro, experienciado muitas vezes de modo "irresponsável" (sem horários rígidos a cumprir), ao "sabor" das vontades que vem e que vão ininterruptamente. Ao contrário disso o trabalho e a profissão que desejam abraçar são da ordem do que é "sério" e prioritário, pois que tratam da busca do estável e do palpável.

Entretanto, as incertezas e insegurança quanto ao futuro, marcas da sociedade atual, afetam sobremaneira os jovens cuja origem social traz a marca da precariedade. Vivenciar momentos prazerosos com seu grupo, para muitos deles, tornam-se possivelmente uma maneira encontrada para driblar as indeterminações que experimentam em seus cotidianos.

ÚLTIMAS CONSIDERAÇÕES

Na diversidade que se constitui a juventude atual não é possível desconsiderar sua propulsão em se encontrar em torno da música, dos esportes, nos divertimentos coletivos, no âmbito de um estilo de vida, ou seja, através do mundo da cultura e da estética, que se tornam importantes espaços de constituição de identidades.

O modo como tais grupos que proliferam na sociedade atual, aparecem, se destacam, se comunicam, dão ao lugar onde se encontram inseridos um outro visual, marcas registradas nas muradas das ruas e avenidas das cidades, no modo de vestir, de ocupar os espaços, formas midiaticizadas ou não de pertencer a um mundo mediado por imagens.

Trata-se, portanto, de uma grande miscelânea que a um só tempo congrega continuidades e rupturas, avanços e recuos. Tais movimentos exigem um olhar acurado, não só de denúncia, mas de perplexidade, curiosidade e dúvidas frente à diversidade que se avista. A tentativa, pois, de compreendê-los a partir dos elementos e das questões que os abarcam, se coaduna com a busca por entender a sociedade que os produz e os reproduz. Tal busca é primordial para

"50 anos de ditadura militar no Brasil" ... - Eder Dias do Nascimento

desenvolvermos práticas educativas consistentes e "antenas" com o tempo vivido e com os sujeitos (jovens, crianças) nele inseridos.

YOUTH CULTURES: WAYS TO "BE/BE WITH", INDICATORS OF SOCIALITIES IN CONTEMPORARY TIMES

ABSTRACT

The present text discusses the theme of youth and their groupings, pointing a way to be-together, potentiator of sociality. Using as theoretical basis Michel Maffesoli's *Comprehensive Sociology* in counterpoint to Zigmunt Bauman's ideas, it presents issues as identity, image society, style, tribalization, as important axes for understanding the transformations in social experiences, especially among youngsters, in today's world.

Keywords: Youth. Identity. Tribalization. Image.

REFERÊNCIAS

ABRAMO, Helena Wendel. *Cenas Juvenis: punks e darks no espetáculo urbano*. São Paulo, SP: Escrita, 1994.

ÁRIES, Philippe. *História social da criança e da família*. Rio de Janeiro: Guanabara, 1981.

BARBERO, Jesús Martín. A mudança na percepção da juventude: sociabilidades, tecnicidades e subjetividades entre os jovens. In.: BORELLI, Silvia H.S. & FILHO, João Freire (orgs.). *Culturas juvenis no século XXI*. São Paulo: EDUC, 2008.

BAUMAN, Zygmunt. *Globalização: as conseqüências humanas*. Tradução Marcus Penchel. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1999.

_____. *Modernidade líquida*. Trad. Plínio dentzien, Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2001.

_____. *Comunidade: a busca por segurança no mundo atual*. Tradução: Plínio Dentzien. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2003.

_____. *Identidade: entrevista a Benedetto Vecchi*. Tradução Carlos Alberto Medeiros. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2005.

_____. *Vida líquida*. Trad. Carlos Alberto Medeiros. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2007.

CARRANO, Paulo César Rodrigues. *Juventude e cidades educadoras*. Petrópolis, RJ: Vozes, 2003.

"50 anos de ditadura militar no Brasil" ... - Eder Dias do Nascimento

DAYREL, Juarez. A música entra em cena: o rap e o funk na socialização da juventude. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2005.

ELIAS, Norbert; SCOTSON, John L. Os estabelecidos e os Outsiders: sociologia das relações de poder a partir de uma pequena comunidade. Rio de Janeiro: WVA, 2000.

FEATHERSTONE, Mike. Cultura de consumo e pós-modernismo. São Paulo: Studio Nobel, 1995.

MAFFESOLI, Michel. A contemplação do mundo. Tradução de Francisco Franke Settineri. Porto Alegre: Artes e Ofícios, 1995.

_____. O tempo das tribos: o declínio do individualismo nas sociedades. Apresentação de Luiz Felipe Baeta Neves; trad. de Maria de Lourdes Menezes. 2ª. Ed. Rio de Janeiro: Forense-Universitária, 1998.

_____. O instante eterno. Tradução: Rogério de Almeida e Alexandre Dias. São Paulo: Zouk, 2003.

_____. Notas sobre a pós-modernidade: o lugar faz o elo. Tradução de Vera Ribeiro. Rio de Janeiro, RJ: Ed. Atlântica, 2004.

_____. No fundo das aparências. tradução de Bertha Halpern Gurovitz. 3ª edição. Petrópolis, RJ: Vozes, 2005a.

_____. O mistério da Conjunção: ensaios sobre comunicação, corpo e socialidade. Tradução de Juremir Machado da Silva. Porto Alegre: Sulina, 2005b.

_____. O retorno das emoções sociais. In.: Metamorfoses da Cultura Contemporânea. SHULER, Fernando & SILVA, Juremir Machado da (orgs.). Porto Alegre: Editora Sulmia, 2006.

_____. O Conhecimento Comum: introdução à sociologia compreensiva. Tradução de Aluizio R. Trinta. Porto Alegre: Sulina, 2007.

PERALVA, Angelina. O jovem como modelo cultural. Revista Brasileira de Educação. Juventude e Contemporaneidade, São Paulo, ANPED, 1997.

SPOSITO, Marília P. Estado do conhecimento: juventude. Brasília: INEP, 2000.

Recebido em 1/julho/2016

Aprovado em 1/agosto/2016